

EÇA E MACHADO: DESENCONTRO EPISTOLAR

Carlos Reis

Universidade de Coimbra

As duas cartas que a seguir se transcrevem são conhecidas; apesar disso, entende-se que a sua inserção neste volume faz sentido, dada a temática que ele adotou. Na primeira carta, dá-se testemunho do desejo expresso por Eça de Queirós de encetar um diálogo literário com Machado de Assis; na segunda, fica declarada a admiração que Machado votava a Eça, apesar do insucesso do contacto levado a cabo pelo confrade português.

A história da relação (e dos silêncios) entre Machado e Eça está abundantemente documentada e estudada em vasta bibliografia (enriquecida agora por este número da *Revista de Estudos Literários*), não sendo este o local para a retomar. Isso não impede que se recorde o lugar praticamente fundador que, na análise daquela relação, ocupa o livro de Alberto Machado da Rosa, *Eça, discípulo de Machado?*, publicado pela primeira vez em 1963.

O que a carta de Eça mostra é a disponibilidade, aparentemente sem reserva mental, para iniciar com o grande romancista brasileiro um debate como outros que o escritor português manteve com escritores do seu tempo. Vivendo longe da pátria, Eça procurou ate-

nuar a distância e o isolamento de que muito se queixava, através desse debate; Ramalho Ortigão, Oliveira Martins, Teófilo Braga, Mariano Pina, Luís de Magalhães, Jaime Batalha Reis e muitos outros foram interlocutores que estimularam no grande romancista a expressão, por via epistolar, de atitudes estéticas e de vivências culturais.

E contudo, com Machado de Assis o desafio ficou por cumprir. Na origem desse desafio esteve o bem conhecido episódio da crítica machadiana à segunda versão d’*O Crime do Padre Amaro* (1876) e a *O Primo Basílio* (1878). Aparentemente, o autor do *Dom Casmurro* não aceitou o repto que lhe foi lançado, pois que o epistolário queiro-siano conhecido não regista qualquer resposta à carta de Eça. Resta levantar uma questão e fazer uma conjetura. A questão: que razão ou razões terão levado Machado a ficar calado? A consabida feição reservada e até bisonha do “bruxo do Cosme Velho” pode ajudar a explicar o seu silencioso descaso. A conjetura: se tivesse existido a correspondência epistolar que Eça propôs, ela configuraria seguramente um riquíssimo repositório de ideias literárias.¹

Não tendo acontecido assim, ficou a admiração recíproca, expressa em tempos e em termos muito diversos. Apesar disso, vale a pena recordar o que Eça disse a Machado, em contexto de esfusiante entusiasmo criativo, e o que Machado escreveu sobre Eça, num momento de melancólica reflexão, logo depois de o confrade ter partido, a 16 de agosto de 1900.

1 Ver <https://queirosiana.wordpress.com/category/machado-de-assis/>.

1. CARTA DE EÇA DE QUEIRÓS A MACHADO DE ASSIS²

Newcastle-on-Tyne
 Inglaterra
 29 de junho de 1878

Ex.^{mo} Senhor e prezado colega

Uma correspondência do Rio de Janeiro para a *Atualidade* (Jornal do Porto) revela ser o Sr. Machado de Assis, nome tão estimado entre nós, o autor do belo artigo sobre o *Primo Basílio* e o Realismo publicado no *Cruzeiro* de 16 de Abril, assinado com o pseudônimo de Eleazar. Segundo essa correspondência há ainda sobre o romance mais dois folhetins de V. S.^a nos n.^{os} de 23 e 30 de Abril³. Creio que outros escritores brasileiros me fizeram a honra de criticar o *Primo Basílio*: – mas eu apenas conheço o folhetim de V. S.^a, do dia 16, que foi transcrito em mais de um jornal português. O meu editor, Sr. Chardon, encarregou-se de coligir essas apreciações de que eu tenho uma curiosidade quase ansiosa. Enquanto as não conheço não posso naturalmente falar delas – mas não quis estar mais tempo sem agradecer a V. S.^a o seu excelente artigo do dia 16. Apesar de me ser em geral adverso, quase severo, e de ser inspirado por uma hostilidade quase partidária à Escola Realista – esse artigo todavia pela sua elevação e pelo talento com que está feito honra o meu livro, quase lhe aumenta a autoridade. Quando conhecer os outros artigos de V. S.^a poderei permitir-me discutir as suas opiniões sobre este – não em minha defesa pessoal (eu nada valho), não em defesa dos graves defeitos dos meus romances, mas em defesa da

2 Transcrita de Eça de Queirós, *Correspondência*. Organização e anotações de A. Campos Matos. Lisboa: Caminho, 2008, vol. I, pp. 202-203.

3 Houve apenas mais um folhetim, publicado a 30 de abril desse ano de 1878.

Escola que eles representam e que eu considero como um elevado fator do progresso moral na sociedade moderna.

Quero também por esta carta rogar a V. S.^a queira, em meu nome, oferecer o meu reconhecimento aos seus colegas de literatura e de jornal pela honrosa aceitação que lhes mereceu o *Primo Basílio*. Um tal acolhimento da parte de uma literatura tão original e tão progressiva como a do Brasil é para mim uma honra inestimável – e para o Realismo, no fim de tudo, uma confirmação esplêndida de influência e de vitalidade.

Esperando ter em breve a oportunidade de conversar com V. S.^a – através do oceano – sobre estas elevadas questões de Arte, rogo-lhe queira aceitar a expressão do meu grande respeito pelo seu belo talento.

Eça de Queirós

Adresser au Consulat du Portugal

2. CARTA DE MACHADO DE ASSIS A HENRIQUE CHAVES⁴

[Rio de Janeiro,] 23 de agosto de 1900

Meu Caro H. Chaves⁵. – Que hei de dizer que valha esta calamidade? Para os romancistas é como se perdêssemos o melhor da família, o mais esbelto e o mais valido. E tal família não se compõe só dos que entraram com ele na vida do espírito, mas também das relíquias da outra geração,

4 Transcrita de Machado de Assis, *Obras Completas*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959, vol. III, p. 943. Primeira publicação: *Gazeta de Notícias*, 24 de agosto de 1900.

5 Henrique Chaves nasceu em Portugal, em 1849, e emigrou para o Brasil em 1868. Foi taquígrafo, tradutor e jornalista influente, designadamente na *Gazeta de Notícias*, onde foi redator. Machado de Assis consagrou-lhe um texto de homenagem, publicado em *O Álbum* (Rio de Janeiro, 20 de maio de 1893).

e, finalmente, da flor da nova. Tal que começou pela estranheza acabou pela admiração. Os mesmos que ele haverá ferido, quando exercia a crítica direta e cotidiana, perdoaram-lhe o mal da dor pelo mel da língua, pelas novas graças que lhe deu, pelas tradições velhas que conservou, e mais a força que as uniu umas e outras, como só as une a grande arte. A arte existia, a língua existia, nem podíamos os dois povos, sem elas, guardar o patrimônio de Vieira e de Camões; mas cada passo do século renova o anterior e a cada geração cabem os seus profetas.

A antiguidade consolava-se dos que morriam cedo considerando que era a sorte daqueles a quem os deuses amavam. Quando a morte encontra um Goethe ou um Voltaire, parece que esses grandes homens, na idade extrema a que chegaram, precisam de entrar na eternidade e no infinito, sem nada mais dever à terra que os ouviu e admirou. Onde ela é sem compensação é no ponto da vida em que o engenho subido ao grau sumo, como aquele de Eça de Queirós, – e como o nosso querido Ferreira de Araújo⁶, que ainda ontem fomos levar ao cemitério, – tem ainda muito que dar e perfazer. Em plena força da idade, o mal os toma e lhes tira da mão a pena que trabalha e evoca, pinta, canta, faz todos os ofícios da criação espiritual. Por mais esperado que fosse esse óbito, veio como repentino. Domício da Gama⁷, ao transmitir-me há poucos meses um abraço de Eça, já o cria agonizante. Não sei se chegou a tempo de lhe dar o meu. Nem ele, nem Eduardo Prado⁸, seus amigos, terão visto

6 Ferreira de Araújo foi um dos fundadores da *Gazeta de Notícias* e seu redator principal, entre 1875 e 1900, ano em que morreu, seis dias depois de Eça de Queirós. Araújo foi interlocutor privilegiado de Eça, na colaboração que este mandou para a *Gazeta de Notícias* (cf. Elza Miné, *Páginas Flutuantes. Eça de Queirós e o Jornalismo no Século XIX*. Cotia: Ateliê Editorial, 2000, pp. 61 e ss.).

7 Domício da Gama foi um diplomata e acadêmico brasileiro. Amigo de Eça nos anos em que o escritor português viveu em Paris, serviu em vários postos diplomáticos, na Europa e nos Estados Unidos, onde foi embaixador.

8 Eduardo Prado foi um intelectual brasileiro, publicista e cofundador da Academia Brasileira de Letras. Monárquico e crítico da República, colaborou na *Revista de Portugal*, dirigida por

apagar-se de todo aquele rijo e fino espírito, mas um e outro devem contá-lo aos que deste lado falam a mesma língua, admiram os mesmos livros e estimavam o mesmo homem.

Eça, com o pseudónimo Frederico de S. O escritor português consagrou-lhe um artigo de homenagem, publicado na *Revista Moderna*, em julho de 1898.